



4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		PORTO — 15 DE JULHO DE 1880	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)		N.º 8
	(REINO)			(ESTRANGEIRO)		
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 „		Semestre.....	1200 „	
Anno.....	15400 „	ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128	Anno.....	25400 „		

Os bombeiros, as bombas, e os incendios em New-York

Havia dez minutos que nos dirigiamos para o *Canal street*, hoje o centro de New-York, e ainda ha bem poucos annos um grande pantano abundante em patos selvagens, quando paramos á vista de duas companhias de bombeiros que desembocavam da mesma rua com um barulho infernal, do rodar das maquinas e das ordens dos chefes de bomba, roucos de gritar nos porta-vozes para excitar o ardor dos bombeiros e avisar os transeuntes que se arrumassem

Apenas as duas companhias se encontraram face a face immediatamente soltaram gritos aterradores, e ensurdecedoras exclamações e injurias.

As bombas pararam e os bombeiros começam ao socco com um enthusiasmo que daria honra aos zuavos francezes.

Ouviam-se por entre as vozes dos respectivos chefes e os urros da multidão excitada com o espectáculo, os soccos a bater no peito como a saraiva nos telhados das casas.

Passados alguns minutos depois do combate, cuja causa não podiamos adivinhar, levantaram-se os feridos de gravidade com um braço partido ou uma costella amolgada, enquanto os mais felizes, com o nariz meio esmagado ou um olho pisado, se agarraram á bomba e continuaram a corrida com mais ardor do que até ali para ganhar o tempo perdido, dirigindo-se á casa incendiada, cujos sinistros clarões coloriam fortemente uma parte do ceu.

—Que quer isto dizer? perguntei a Arthur.

—Como acaba de vér, respondeu-me muito naturalmente, são duas companhias que se encontraram e muito polidamente trocaram uma saraivada de soccos.

—E porque fazem essa troca de cumprimentos delicados como o sr. lhe chama?

—Porque é conveniente nos Estados Unidos, quando se encontram duas companhias de bombeiros, que se comprimentem como o sr. viu.

—Quer rir-se á minha custa, Arthur?

—Fallo serio e o facto de que se admira porque desembarcou agora da Europa, ha de parecer-lhe mui-

to natural, estando algum tempo na America. Eu, que lhe estou fallando, estou convencido de que é muito bem cabido o baterem-se os bombeiros todas as vezes que, indo açodados para o incendio, se encontram.

—Mas de quem herdaram elles um costume tão barbaro?

—Vou dizer-lh'o. N'outros tempos, quando os bombeiros não eram como hoje voluntarios, desinteressados, que apagam os incendios só pelo praser de os apagar, e pertencentes ás mais ricas familias da cidade, para lhes estimular o brio tinham estabelecido um premio bastante consideravel, em favor da companhia que chegasse primeiro ao local do incendio. Quando se encontravam duas companhias imagine os esforços que mutuamente empregavam para passar adeante, e o resultado quasi sempre era jogarem a pancada. Ha muito tempo que desapareceram as rasões para taes combates, mas conservam-se os costumes sem que entre os bombeiros pertencentes ás diversas companhias haja o menor sentimento de hostilidade. Batem-se porque é costume. Ora aqui tem.

—Singular costume. Mas diga-me, isso dá-se todas as vezes que se encontram?

—Todas as vezes, não. Depende de circumstancias. Por exemplo, se é estreita a rua em que se juntam, ha grandes probabilidades de lucta. Basta que um bombeiro dê em outro um encontrão, para que todos entrem na desordem. Em outros casos ha quem os tenha visto esmurrarem-se só para lhes excitar o sangue e correrem com mais ardor para o incendio. Batem-se tambem por decepção, quando contando com um grande incendio em que tinham promettido mostrar todo o seu zello e coragem, deparam com um casebre de cuja extincção nenhuma gloria lhes pôde resultar. Mas se, pelo contrario, contam com um pequeno incendio e lhe sai um formidavel, batem-se do mesmo modo para mostrar a sua satisfação.

Procuramos com os olhos sir James Clinton, para passarmos do prologo á peça, isto é, da batalha dos bombeiros á manobra da sua bomba no local do sinistro.

Sir James contemplava a alguns passos de nós um dos combatentes, que tinha os queixos partidos com um lindo socco.

Depois que lhe apertou a mão voltou para o nosso lado.

—Lindo socco, disse elle com visivel satisfação. Nunca julguei que os americanos fossem tão habeis no

nobre exercicio do *boxe*. Com effeito aquelle é um socco que um inglez perlitaria com gosto, e já que não pude felicitar quem o deu, ao menos, quiz cumprimentar quem o levou.

Como veem *sir James* era um verdadeiro artista em questões de *boxe*. Queria que vissem a seriedade com que elle fallava!

Quando chegamos ao local do incendio, vimos em torno da casa incendiada diversas companhias de bombeiros, chegadas com uma promptidão espantosa, apenas soaram os primeiros signaes d'alarme.

Em New-York não usam fazer cordão (*chaîne*) como em Paris. Em toda a parte ha agoa em abundancia, fornecida por grande quantidade de canos subterraneos que cortam a cidade em todas as direcções, abastecendo todas as casas. O aqueducto de Crotoné d'onde dimana é inexgotavel.

Os bombeiros, com agua á discreção, muitas vezes abusam d'ella e submergem as casas incendiadas com um ardor e alegria infantil, muito approximada do delirio.

Em poucos minutos o prédio estava litteralmente coberto d'agua.

Estava o fogo apagado e os bombeiros continuavam a tocar ás bombas com um enthusiasmo que nada podia dominar. As companhias de bombeiros das estações mais distantes que tinham chegado tarde e não poderam ser occupadas na primeira faina, não se deram por vencidas.

Tinham vindo para empregar as bombas e empregaram-n'as, e de tal modo que o que tinha escapado ao fogo cedeu á inundação. Soube que succedia sempre isto, e, o que ha mais geralmente a temer nos incendios, não é verdadeiramente o fogo, mas a quantidade d'agua com que é dominado.

O bombeiro americano é um typo que julgo unico em todo o mundo. O que os outros fazem por obrigação é para elle uma questão de prazer; não se pôde descrever a felicidade que elle gosa em apagar os fogos.

Chronica Quinzenal

A cidade foi ultimamente alvoroçada por a noticia d'um crime horroroso.

Um operario, depois d'uma pequena altercação com um seu companheiro, puxou d'uma navalha e embebeu-lh'a no peito. O ferro foi offender o pulmão e a aorta, e o infeliz cahiu, por terra, morto.

O assassino evadiu-se. Duas vezes covarde.

A navalha é a arma traiçoera usada pelo *faia*, o parasita da capital que anda pelos bordeis, de cigarro ao canto da bocca, carapuça na cabeça, fxa à cinta, e guitarra debaixo do braço, à cata de aventuras em que entreter o seu ocio criminoso.

Em pleno dia mata-se alli um homem, por uma coisa futil, pequena, insignificante; e por maiores que sejam os exforços da policia é impossivel exterminar essa raça de seres perigosos, que arrastam a sua estupidez pelos alcouces e dão largas ao seu genio atrevido pelas tabernas.

Entre nós, com praser o disemos, raras vezes acontece um crime; o nosso povo descompõe-se, injuria-se, esbofetia-se, mas não passa d'isto; se a desor-

Ha pessoas que tem pelo incendio tal paixão que nunca faltam a nenhum. Aparecem vestidas de bombeiros, com uma camisolla de lã vermelha, um casaco castanho de panno piloto, que trazem sempre no braço, de capacete de coiro de verniz, preto; fazem rondas nos telhados das casas, tanto de dia como de noite, para serem os primeiros a descobrir os incendios. Tem pelas bombas um verdadeiro culto. Enfeitam-n'as com flores, adornam-n'as de todos os modos, chamam-lhes as suas queridas, e muitas vezes fazem sahidas só pelo unico prazer de se mostrarem com uma bomba bonita.

Tive occasião de ver bombas feitas de prata.

Nos Estados-Unidos os filhos-familia arruinam-se com as bombas, como em Inglaterra com os cavallos de corridas. Finalmente em ponto algum dos Estados-Unidos ha festa boa sem bombeiros, e por consequencia sem bombas, porque os bombeiros a parte alguma vão sem as levar. As companhias das diversas cidades visitam-se só para mostrarem as suas bombas e n'essas vizitas trocam cumprimentos e offercem reciprocamente jantares. Nunca chegou da Europa um unico vulto celebre em politica, nas artes, na industria ou nas finanças, que não fosse recebido, desembarcando, pelos bombeiros com as suas bombas. Kossuth, Jenny Lind e Alboni entraram em New-York, cercados por todos os bombeiros da cidade, com todo o material de incendios.

Todos os cidadãos na America tem tanta paixão pelas bombas de incendio, como os proprios bombeiros. Vestem de bombeiros as creanças, e os fabricantes de brinquedos fazem pequenas bombas pelo modelo das grandes, com casas de madeira destinadas a serem queimadas. As creanças fazem de bombeiros, e apagam esses incendios com um ardor tão notavel, que é digno de vêr-se. Ouvi paes prometterem aos filhos, em recompensa da sua assiduidade no trabalho, levál-os a vêr os incendios. Os proprietarios e inquilinos, com a paixão pela limpeza e pelas bombas de incendio que todo o Americano tem, levantam-se muito

dem é mais accesa, um dos contendores sae da refrega com a cabeça quebrada, com um braço desmanchado, com um olho deitado a baixo, mas depressa se restabelece; é coisa de poucos dias.

Por isso mesmo que estamos acostumados a ler umas chronicas de policia muito pacatas, assustou-nos deveras a noticia do assassinato a que acima nos referimos, e que passamos a expôr, aproveitando-nos para isto dos apontamentos que podemos obter nas repartições competentes.

Foi na segunda feira, 12 do corrente, ás 10 horas da noite. Pela rua de Cima de Villa dirigiam-se muito tranquillamente dois individuos acompanhados d'uma rapariga que era a amante d'um d'elles. Vinham de Quebrantões, onde foram passar o dia.

Perto da fonte que existe á entrada d'aquella rua, estacionava um grupo de rapazes. Um d'elles, olhou a rapariga e dirigiu-lhe um gracejo, uma sensaboria qualquer; o amante, azedou-se, e censurou o proceder do chasqueador. Este sorriu-se zombeteiramente, e proferiu, em vez d'outra sensaboria, uma insolencia.

Fez mal, por que provocou um conflicto, e deu lugar ás scenas lamentaveis que depois occorreram.

Ditas algumas palavras de parte a parte, o amante da rapariga, muito cheio de zelos, abeirou-se do insultado, e estalou-lhe na cara uma bofetada. Este

cedo, lavam com as bombas as casas de alto abaixo, e, sabe Deus, com que saudade de as não empregarem no seu verdadeiro mister.

Aqui, como em toda a parte, manifestam-se os incendios, casualmente; mas o que é certo, é que em nenhuma outra parte do mundo se queimam voluntariamente mais casas.

—E as leis d'este paiz não castigam os incendiarios? perguntou *sir* James.

—De certo, respondeu Arthur, e severamente, com pena de morte; mas...

—Temos um *mas*, interrompeu o coronel.

—Mas, continuou Arthur, é preciso para estarem ao alcance da lei, que sejam vistos por duas testemunhas, pondo o fogo *com um archote na mão*. Ora, como o jury tem em mais consideração a letra de que o espirito da lei, resulta que, se o incendiario não põz o fogo no predio com um *archote*, mas se serviu de lumes chimicos, por exemplo, está fóra do alcance da lei, e é absolvido como innocente. Quanto aos motivos que levam um bom numero de cidadãos a pôr fogo ás casas é para receber das companhias de seguros a importância dos valores segurados, que n'esses casos é sempre maior que o valor real dos haveres consumidos.

—E as companhias de seguro americanas, perguntei eu a Arthur, não fazem, como em França, a avaliação dos prejuizos causados pelo incendio e indemnizam o segurado segundo as perdas que teve?

—Sim, disse Arthur, mas ordinariamente mostram-se sempre mãos largas no seu modo de avaliar os prejuizos, e tanto que o lesado faz sempre bom negocio.

—Mas, disse eu a Arthur, parece-me que as companhias, d'esse modo, vão d'encontro aos seus interesses?

—Completo engano, respondeu Arthur, asseguraram-me que quando a prosperidade é geral e os incendios diminuem, certas companhias, inquietas com semelhante estado de cousas mandam ellas mesmas pegar fogo ás casas para despertar nos incendiarios pa-

vendo-se assim desprestigiado, atirou-se áquelle e brigaram por instantes.

De repente, um dos adversarios, o amante da rapariga, abre os braços, despede um gemido abafado, solta uma lufada de sangue, cambalea, e cahé desamparadamente no pavimento da calçada.

Os outros rapazes pensavam que tivesse escorregado e cahido; enganaram-se: o infeliz escorregou é verdade, mas para a eternidade.

Ora, quem suppõe o leitor que fosse o assassino?...

O que brigava com o morto, e d'elle recebeu uma bofetada, responderá.

Não é assim.

O assassino foi outro, um operario ourives, que estava a presenciar o conflicto, um amigo do esbofetado, que para o desaggravar, puchou d'uma navalha, cravando-a no peito do infeliz.

E' o cumulo da covardia.

O homicida, acto continuo ao crime, aproveitou-se da confusão que se estabeleceu, e fugiu, indo refugiar-se em casa, onde poucas horas depois foi surpreendido pelos agentes de policia.

Aos gritos da mulher e do outro individuo que a acompanhava juntou-se muita gente, aterrorisada, gritando tambem.

realizados o amor dos incendios, que é um peccadilho americano, como o prazer de os apagar é um jogo nacional. A causa de haver muitos seguros é a esperança ou o medo do fogo, e como de resto, ha muito maior numero de pessoas que temem os incendios, de que o d'aquellas que os desejam, as companhias tem toda a vantagem em que o maior numero possivel de pessoas tractem de segurar os seus haveres. Ora aqui tem porque ellas indemnizam generosamente os lesados de perdas que não tiveram, e porque tambem as mais zelosas ajudam um pouco o acaso, quando, o que é muito raro, ha pouca quantidade de fogos.

—Mas o sr. não me disse, perguntei eu a Arthur, que é ordinariamente ao domingo que elles são mais frequentes?

—Sim, nas casas da cidade baixa, as que não são habitadas por familias, mas onde os negociantes tem os seus escriptorios. O negociante que deseja liquidar por meio de incendio pega fogo no sabbado á tarde; durante a noute desenvolve-se o incendio e como ninguem ao domingo vai aos escriptorios, rebenta n'esse dia com grande satisfação dos bombeiros e dos ociosos que não sabem como ao domingo hão de matar o tempo.

Depois d'esta narração que indignou *sir* James e me fez rir muito, fomos para o hotel descansar, obrigados pelas fadigas e emoções d'esse dia.

(Da Viagem Pittoresca aos Estados Unidos de Oscar Comettant — Versão de A. R. da Cruz).

A gravura com que hoje illustramos o nosso periodico foi-nos obsequiosamente cedida pela illustrada empresa do *Jornal de Viagens* em quem encontramos sempre a mais cordeal e prestimosa camaradagem.

Mais uma vez lhe confessamos por isso a nossa gratidão.

O rapaz, o que levou a bofetada, ficou, estúpido pelo terror, cravado no chão, olhando para o cadaver, mudo de assombro. Acordou do lethargo em que estava, quando o companheiro da victima, se aproximou d'elle, o seguiu por um braço, dizendo-lhe, com a grande afflicção do desespero — O assassino és tu... tu é que o mataste... infame... has-de dar conta d'elle, ouviste, ouviste, assassino!...

O rapaz comprehendeu então a embaraçosa posição em que se achava.

Suspeitaram que fosse elle o assassino, e tinham razão.

Pois não foi elle quem se intrometteu com a mulher, que se dirigiu ao homem em termos atrevidos, que o provocou, que recebeu uma bofetada, que brigou com elle?

Foi. A resposta era bem fundada; perante a lei, o culpado era elle, por que sobre elle recabiam fortes desconfianças.

O povo que se juntou, atemorizado na presença d'um cadaver, pedia em altos brados a morte do homicida.

—Matem esse maroto, ouvia-se d'um lado.

—Com a mesma navalha com que praticou o assassinato, matem-o a elle.

—Morra, morra, bradou a turba, em coro geral.



Sociedade de Geographia Commercial do Porto

Installou-se definitivamente no dia 11 do corrente n'uma das salas do palacio da Bolsa a sociedade de Geographia Commercial do Porto, creada pela imprensa portuense como homenagem collectiva ao cantor dos Lusíadas no seu tricentenário.

Presidiu o distincto publicista o sr. Oliveira Martins e occuparam os logares de secretarios os srs. Joaquim Antonio Gonçalves illustrado industrial e secretario da Associação Commercial e o nosso collega n'esta redacção o sr. Firmino Pereira.

Na assemblea a que vimos alludindo fora discutidos e approvados os estatutos e nomeados por aclamação unanime para os differentes cargos os seguintes srs.

Commissão executiva—Presidente, J. P. de Oliveira Martins, engenheiro e escriptor publico; vice-presidente, José Joaquim Rodrigues de Freitas, lente de Commercio na Academia Polytechnica, jornalista, deputado ás côrtes e redactor effectivo do «Commercio do Porto»; 1.º secretario, Emygdio de Oliveira, jornalista, proprietario e redactor do «Jornal de Viagens»; 2.º dito, Augusto Coelho, redactor politico da «Actualidade», professor livre de philisophia, geographia e mathematicas; 1.º vice-secretario, Julio de Mattos, medico, professor, e director da revista de philisophia, «O positivismo»; 2.º vice-secretario, Guilherme Gomes Fernandes, redactor do «Bombeiro Portuguez» e commandante da corporação dos Bombeiros Voluntarios do Porto.

Commissão de admissão—Presidente, Gaspar Borges de Avelar, professor livre de linguas vivas, redactor do «Commercio Portuguez» e escriptor dramatico; vice-presidente, Gaspar Ferreira Baltar, proprietario do «Primeiro de Janeiro» e capitalista; secretario, João de Oliveira Ramos, escriptor publico e redactor do «Primeiro de Janeiro»; vogaes, Carlos José da Silva,

director da Associação Commercial e capitalista do Porto, e Gualdino de Campos, jornalista e redactor do «Commercio do Porto» e da «Voz do Povo».

Commissão de contas.—Presidente, Carlos Augusto Paes, 1.º secretario da Associação Commercial, commerciante e capitalista; secretario, Apolino da Costa Reis, proprietario do «Commercio Portuguez» e industrial; vogal, Anselmo E. de Moraes Sarmiento, proprietario da «Actualidade» e industrial; thesoureiro, Julio Gomes dos Santos, negociante e capitalista.

Archivistas.—Firmino Pereira, periodista e redactor da «Actualidade» e do «Bombeiro Portuguez», e F. Mendes de Araujo, periodista e redactor da «Voz do Povo».

Presidentes de secções.—1.ª secção.—Joaquim Antonio Gonçalves, 2.º secretario da Associação Commercial do Porto, escriptor e industrial.

2.ª secção.—Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, escriptor e director da Companhia Carris de Ferro do Porto.

3.ª secção.—A. M. Kopke de Carvalho, engenheiro e escriptor.

4.ª secção.—Dr. Henrique Carlos de Miranda, jornalista e director do «Commercio do Porto».

Sentimos que as dimensões do nosso periodico não nos permitam dar mais ampla informação da assemblea installadora da Sociedade de Geographia Commercial do Porto. Fiamos pelo que vimos e ouvimos que a nova sociedade inaugurada com tão excellentes auspícios ha de cabalmente corresponder ao fim a que se propõe, honrando assim a imprensa portuense.

Registre-se

Descrevendo um incendio que na madrugada do dia 4 do corrente devorou em Lisboa um predio em

E o rapaz a chorar, afflictissimo, dizia que estava innocente, que não fora elle o culpado, e olhava como interrogando, o cadaver do desventurado. Este, porém não podia responder; estava de braços abertos, com os olhos muito arregalados, medonho, desfigurado, muito roxo. e cahia-lhe da bocca e do nariz uma aguadilha branca!

E o povo, continuava a pedir a morte do criminoso; queria ser ao mesmo tempo juiz e executor; não se importava com a cadea, com o tribunal, com a costa d'Africa—na cadea tambem se come pão, no tribunal pode-se arranjar uma sentença favoravel, absoluto-ria, na Africa vive-se perfeitamente.

O que a multidão não queria é que o homem visse; quem com ferro mata com ferro deve morrer; já que assassinou, que seja tambem assassinado.

O povo queria commetter outro crime, no auge da sua grande indignação.

O supposto homicida continuava a apregoar a sua innocencia, mas os seus rogos não eram escutados.

No commissariado geral de policia para onde foi condusido declarou tambem que não era elle o criminoso; mas as provas compromettiam-o, e sob esta accusação passou até ás 4 horas da manhã.

A esta hora entrava, acompanhado por alguns guardas civis, o verdadeiro assassino.

Interrogado, confessou tudo, com grande cinismo; disse que matara o homem, com a mesma serenidade com que diria que o tinha defendido.

Seria estupidez, ou perversidade?

Talvez uma e outra coisa.

O commissario perguntou-lhe pela navalha. O preso procurou-a nos bolsos e não a achou; com um gesto muito sacudido, respondeu:

—Não a acho, talvez a deixasse em casa!

Mandado um guarda a casa do assassino, voltou trazendo uma pequena navalha; sendo mostrado a este, reconheceu-a como sendo aquella com que perpetrou o crime.

Mais tarde, porém, quando se procedeu á autopsia no cadaver, reconheceu-se pela ferida que a navalha não podia ser aquella.

O ferimento media de largura 3 centímetros, e a largura da lamina é apenas de 2 centímetros e meio. Além d'esta circumstancia, sobresahe outra; a navalha é muito insignificante, muito ordinaria, e não estava afiada de modo a poder rasgar as carnes cortando a roupa.

Crê-se que o criminoso inutilisou a navalha que lhe serviu para a aggressão, apresentando uma outra mais pequena, uma navalha propria para lapis, querendo assim significar que não costumava andar munido de instrumentos offensivos.

S. Pedro d'Alcantara cumpre-nos patentear, ao que lemos em alguns dos nossos collegas diarios, que o sr. Presidente do conselho de ministros, Anselmo José Braamcamp, esquecendo-se por um momento da divisa do seu partido, gratificou com *uma libra!* o bombeiro que com risco talvez da vida lhe salvou umas pastas que continham no dizer do sr. ministro valiosos documentos.

Forçoso nos é convir que a generosidade do sr. presidente do conselho de ministros nos dá margem a poucas lisongeiças considerações. Nem de longe queremos suppôr que foi a mira da ganancia o que levou o bombeiro a arrancar às chamas as preciosas pastas do sr. Braamcamp. Indignamo-nos como de certo se indignou o bombeiro que não conhecemos e que nos comprazemos em suppôr honrado e trabalhador quando da mão tremula do sr. ministro recebeu uma libra, elle que não pedia, e que encontrava na sua consciencia socegada o premio do seu arrojo que o sr. Braamcamp couteu em 4\$500 reis.

Não é assim de certo que se estimulam brios.

A festa dos Bombeiros Voluntarios do Porto

Tem tido o melhor acolhimento possível o projectado bazar com o qual a corporação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade tenciona commemorar o 5.º anniversario da sua installação.

Todos da melhor vontade, desde o operario até à primeira auctoridade do districto, concorrem com dadas de maior ou menor valor, conforme as suas poses, generosidade ou grande conceito em que teem aquella humanitaria associação, mostrando por esta forma tão sympathica, o seu reconhecimento pelos ser-

Se assim é, comprometteu-se mais.

O assassino é ainda novo; a sua profissão é a de ourives.

Depois do interrogatorio no commissariado geral de policia, chorava dizendo — Estou perdido!

Não era o sentimento do remorso que o obrigava a chorar, ao que parece; era simplesmente o facto de se ver perdido para sempre, atirado para o centro de uma enxovia, e de lá mandado com a leva, algemado, para as terras do degredo.

Que lhe importava a victima?... Era um ente de menos que ficava neste mundo.

O homicida foi, como é de ver, recolhido na cadeia.

Ora aqui está um acontecimento deveras triste: não queremos fazer moral a respeito d'elle, mas pretendemos unicamente mostrar o estado de ignorancia em que se encontram as nossas classes trabalhadoras.

A ignorancia origina o crime; mate-se aquella, que este morrerá tambem.

Não ha effeito sem causa.

*

Mudemos de assumpto.

No theatro Principe Real representa actualmente o

viços prestados por tão briosa mocidade e os desejos que mostram pela prosperidade de tão util instituição.

Entre as prendas já arrecadadas nota-se, além dos offertadas pelos particulares, objectos de todos os ramos de negocio, desde os que dizem a respeito à loja do merceiro até às dos ourives e casas de modas, bem como os productos de todas as industrias, entre as quaes nos lembra ter visto das seguintes: chapeleiros, sapateiros, alfaiates, torneiros, funileiros, soqueiros, guarda-soleiros, pintores, marceneiros, esculptores, abridores, etc..

O programma para os festejos é o mesmo que já publicamos. Só temos a acrescentar que o espectáculo dramatico será levado a effeito no theatro «Gil Vicente» do Palacio de Chrystal e constará de uma comedia em um acto, original do sr. Borges d'Avellar, na qual tomarão parte a exc.^{ma} sr.^a D. Maria Pia da Cruz Almeida, e os srs. Guilherme Fernandes, Antonio Ramos Pinto e Alfredo Ferreira Dias Guimarães; outra comedia em 1 acto, original do nosso amigo e collega n'esta redacção o sr. Firmino Pereira, a qual terá por interpretes a exc.^{ma} sr.^a D. Corinna da Cruz Fernandes, e os srs. Antonio Rodrigues da Cruz e Carlos d'Almeida; uma scena comica em 1 acto, original do nosso amigo e collega n'esta redacção o sr. Guilherme Fernandes, a qual será desempenhada pelo sr. Carlos d'Almeida e uma secção de prestidigitación pelo insigne amator o sr. Eduardo José Alves.

A orchestra será toda composta por amadores.

A este espectáculo teem entrada gratuita todos os srs. associados. As pessoas de suas familias, sendo commensaes, tem entrada mediante a quantia muito diminuta de 300 reis cada uma afim de com esse producto poder a Direcção fazer face as despezas do espectáculo, sem o auxilio do cofre da associação. Os bilhetes restantes serão vendidos aos estranhos à corporação, mediante o pagamento de dois mil reis por pessoa.

Os bilhetes de admisión tem já sido procurados com impaciencia.

illustre actor Antonio Pedro, uma das mais robustas individualidades da scena portugueza.

Antonio Pedro reapareceu à plateia portuense que em muita conta tem o seu elevadissimo merito, na engraçada comedia de Hannequim *O bébé*.

Esta producção theatral é uma tremenda lição aos paes tolos e condescentes que perdem os filhos com o muito carinho que lhes dispensam.

Imagine-se que o *bébé* é um rapasola dos seus 20 e tantos annos, alumno de direito, amigo da borgia, sustentando uma ou mais amantes, usando uma giria de café e de casas suspeitas, malandro e debochado, andando sempre à cata de aventuras que lhe podessem esvasiar a bolsa e arruinar a saude, e que a mãe a boa da *mamã*, o tem na conta d'um inocentinho, tam puro... como o nosso primeiro pae antes de comer a fatal maçã!

Os costumes matam-se peio ridiculo—eis o thema que Hannequim escolheu para as suas producções.

A mãe do *bébé* que o creu um anjo, surprehende-o a conversar com a creada, e vem por fim a saber que elle é um refinadissimo traste; um seductor de sopeiras e um adorador de *cocotes*, um devasso, um libertino, que toma doses fortes de mercurio e precisa de consultar os especialistas de molestias duvidosas.

Os preparativos para a iluminação do edificio da associação já começaram e d'ella se encarregaram os proprios associados.

Esta iluminação, de um genero completamente novo promete ser brilhante, porque tudo quanto a associação dos bombeiros voluntarios do Porto tem tentado até hoje tem sido digno d'ella.

Carlos José Barreiros

Tem estado enfermo este illustre bombeiro, inspector dos incendios em Lisboa.

Temos a satisfação porém de annunciar aos nossos leitores que não é grave o seu estado como se deprehende do seguinte telegramma que recebemos hontem á noite em resposta a outro em que nos informavamos da sua enfermidade:

Lisboa, 14, ás 6 horas e 25 minutos da tarde — Porto. Sr. José Rodrigues da Cruz — Não é felizmente grave o estado. Agradeço. — *Carlos J. Barreiros.*

Ficamos fazendo sinceros votos pelo prompto restabelecimento do benemerito e prestante cidadão.

Convite aos portuenses

Tendo a Direcção da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto» resolvido commemorar de um modo solemne o 5.º anniversario da associação, no dia 25 de agosto proximo, e bem assim

Um malandro completo.

Antonio Pedro, n'esta comedia, desempenha o papel de mr. Petillon, o explicador de direito chamado para encaminhar a educação juridica do *bébé*.

O typo que o distincto artista apresenta é perfeita-mente original, estudado com grande reflexão, muito equal, admiravel emfim.

Nós só temos a dizer a Antonio Pedro—Bravo!

Diniz (*bebé*) portou-se com intelligencia; representou com muito desembaraço, aproveitou emfim um bom typo de estroina apaparicado pelos excessivos cuidados da mãe.

Gama, deu-nos um excellente typo, de provinciano semi-cidadão, um tanto bruto, mas amigo de aventuras licenciosas, um devasso que só por trimestre alliviava a carga de luxuria que nesse espaço ia arranjando... apesar de ser casado com uma rapariga bonita, e tentadra.

Esquecia-nos Amelia Garraio, que bem merece as honras de ser mencionada. Disse o seu papel com muita intelligencia.

Carmen, apresentou-se bem, e representou melhor.

Os restantes artistas, regularmente.

Depois do *bebé* vimos o *Sargento-mór*.

Este drama, já muito nosso conhecido, voltou á sceua para dar logar a que Antonio Pedro se apresen-

angariar os meios precisos para algumas reformas urgentes na casa e no material, nomeou varias commissões a fim de solicitarem prendas para o bazar-exposição que será inaugurado n'aquella epocha no Palacio de Crystal; mas, não obstante, entende dever convidar tambem por este meio, não só os particulares, mas os commerciantes e industriaes a concorrerem com quaesquer dadivas para aquelle fim, as quaes poderão ser remetidas até o dia 31 do corrente á casa da associação, no pateo do Paraizo, no Bomjardim, com o nome do offerente, o que a mesma direcção desde já agradece.

Porto e secretaria da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto», 15 de julho de 1880.

Eduardo José Alves

PRESIDENTE

Joaquim José de Sousa Magalhães

VICE-PRESIDENTE

Augusto Leite da Silva Guimarães

1.º SECRETARIO

José da França Oliveira Pacheco

2.º SECRETARIO

A. M. Fleming

THEZOUREIRO

Guilherme Gomes Fernandes

COMMANDANTE

Joaquim Antonio de Moura Soeiro

FISCAL.

tasse no papel de doido de *Profundis*, uma das suas creações mais completas, segundo era voz geral.

Effectivamente, tudo quanto se disser relativamente ao trabalho d'este grande artista é muito pouco. A. Pedro apresenta um typo, que, certamente outro não deveria ser o desventurado irmão do morgado da Barca.

Incommoda olhal-o, a elle: roto, com os vastos cabellos em desalinho, correndo d'um lado para o outro n'aquella grande allucinação em que sempre andava, repetindo, sinistramente o funebre estribilho—*De profundis clamorei... requien eternum*, chega a pôr medo acs que o acompanham em todos os movimentos que faz. Assombroso!

Amaral, Gama, e A. Garraio, muito bem.

No theatro Baquet tivemos o *Camões*, de Cypriano Jardim.

A peça é rigorosamente historica, e o desempenho excellente por parte de Posser, Falco e B. Machado.

Para o proximo numero diremos mais detidamente d'esta producção theatral.

Porto.

Nihil.